

V SIANCO



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional

Organização **Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento**



ARTIGO CIENTÍFICO

EIXO TEMÁTICO: ANÁLISE COGNITIVA

A ANÁLISE COGNITIVA DA FESTA DO 2 DE JULHO NO TERRITÓRIO BAIANO

Viviane Carla Bandeira Santos¹

INTRODUÇÃO

É notório que o processo da Independência da Bahia marcou muito a história local e nacional, uma vez que foi através dela que houve a consolidação da emancipação do nosso país. E como forma de rememorar, no dia 2 de Julho é realizada a manifestação de caráter popular, conhecida como festa do 2 de Julho.

A festa do 2 de julho representa um momento de enaltecer o processo de Independência da Bahia e seus grandes heróis, como, o caboclo, a cabocla, Joana Angélica, Maria Quitéria, Maria Felipa, o corneteiro Lopes, entre outros, onde os diversos segmentos da sociedade soteropolitana e baiana demonstram um patriotismo malfadado.

Observa-se que no decorrer do tempo essa manifestação popular vem perdendo a sua essência. Neste sentido, o estudo busca realizar uma análise

¹ Natural de Salvador. Formada em História pela UEFS. Especialista em História, Cultura Africana e Indígena pela Faculdade São Tomás de Aquino e em Formação Sócio Econômica do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira. Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela UFRB. Doutoranda no programa PPGDC-UFRB. Professora de História – SEC-BA. Membro e Pesquisadora do CPEDR-UNEB. E-mail: viviane.carlabandeira@gmail.com, egressa UFRB.

cognitiva sobre a festa do 2 de julho no território baiano, trazendo aspectos tangíveis a sua importância e difusão da memória local.

A investigação traz algumas questões norteadoras: A festa do 2 de julho ainda tem caráter popular? A festa do 2 de julho transformou-se em um evento político, ao invés de patriótico? Como a análise cognitiva sobre essa manifestação popular corroborar para a disseminação da memória local?

A partir de tais premissas, o estudo baseia-se na seguinte problemática: Como a análise cognitiva sobre a festa do 2 de julho corrobora para a difusão da memória, fortalecendo assim, a história local?

Tendo como objetivo geral: Analisar a festa do 2 de julho, enquanto uma manifestação popular do território baiano. Trazendo como objetivos específicos: Contextualizar a festa do 2 de julho; descrever a festa do 2 de julho enquanto manifestação da história e memória local; mapear os festejos do 2 de julho em alguns municípios baianos.

A pesquisa é bibliográfica, pois a partir de autores que tratam da temática, vai pensando o 2 de julho em uma perspectiva multirreferencial, apresentando uma abordagem qualitativa com aplicação de questionários semiestruturados e observação participante do movimento.

Tomando isso como parâmetro, a pesquisa está dividida em 3 seções: A primeira tece um panorama da festa do 2 de julho no município de Salvador, a segunda seção remete a uma análise cognitiva da festividade do 2 de julho em Salvador e a terceira aborda sobre memória, difusão e 2 de julho nos municípios baianos.

Dessa forma, a festa do 2 de julho é a representação do processo de Independência da Bahia, entretanto, nos últimos anos essa manifestação de cunho popular vem ganhando outros contornos, especialmente o político.

DESENVOLVIMENTO

FESTA DE 2 JULHO EM SALVADOR

No dia 2 de julho, muitos soteropolitanos se dirigem à localidade da Lapinha para assistirem o desfile do 2 de julho, onde verificamos a memória local e o resgate

de um importante evento histórico que marcou a história do país, a Independência da Bahia.

Como nas lutas pela emancipação do nosso Estado, o desfile é marcado por grande participação popular, com a presença de diversos segmentos sociais, onde vislumbram o desfile da Cabocla e do Caboclo bem como fanfarras, pessoas fantasiadas de personagens que marcaram o processo de Independência.

Ao mesmo tempo, que presenciamos esses atos cívicos e que refletem o resguardar da memória local, nos deparamos com um movimento muito comum em festas populares, ainda mais no município de Salvador, que é a presença de políticos nos festejos, mostrando sua popularidade entre as pessoas presentes nesta manifestação local.

Nota-se que isso vem aumentando muito nos últimos anos, lembrando o populismo existente no Brasil desde a época de Vargas e após seu governo, utilização de símbolos, hinos para consolidação de sua força política entre a população soteropolitana.

O desfile do 2 de julho ou festa, pois é necessário considerar que além do desfile há outros contrapontos que caracterizam essa manifestação, como as bandinhas, fanfarras das escolas, a famosa feijoada em diversos locais do Trajeto que vai da Lapinha ao Campo Grande.

Na alvorada, a Cabocla e o Caboclo são deslocados do Pirajá na casa onde ficam para realizarem o trajeto do desfile. Esses personagens, assim como outros, chamam a atenção e muitas pessoas acabam por rememorar a história local nesse momento, conhecendo um pouquinho deles.

As pesquisadoras e historiadoras Viviane Bandeira e Andréa Moreira (2023) relatam que ao se falar na Independência focam-se nos personagens masculinos ou nas mulheres brancas, negligenciando-se muitas vezes, as narrativas de mulheres negras, como Maria Felipa, Caretas do Mingau entre outras.

No desfile do 2 de julho, muitas vezes, vemos crianças e adultos vestidos dessas personalidades, na maioria das vezes, como Maria Quitéria e Joana Angélica, talvez por serem as mais conhecidas pela memória viva.

O importante é perceber que essa data comemorativa simboliza um marco memorável da nossa história e que não devemos tomá-la apenas a partir da lógica cívica e patriótica, nem muito menos a partir do viés populista e eleitoreiro. A festa do 2 de julho é para resguardar a memória de um povo que lutou pela opressão dos colonizadores portugueses, inaugurando um novo marco para história nacional, consolidando assim, a Independência do Brasil.

Desse modo, tecer uma análise cognitiva dessa festividade, com um olhar crítico e transdisciplinar é fundamental para aprofundarmos o entendimento sobre esse importante processo histórico que marcou a história local de nosso estado.

ANÁLISE COGNITIVA DA FESTA 2 DE JULHO EM SALVADOR

A manifestação popular do 2 de julho vista em uma perspectiva multifacetada, multidimensional, observando os diversos aspectos tangíveis a esse movimento que abrangem dimensões sociais, culturais e políticas. Sérgio Guerra Filho (2002) ressalta a participação popular no movimento de Independência da Bahia e coincidentemente o desfile do 2 de julho retrata bem essa questão.

Filho (2004) comenta que a Festa do 2 de julho passou a ser comemorada em Salvador a partir de 1824, como forma de comemorar a libertação da cidade, sinalizando a diversidade de pessoas presentes no desfile. Desde esse período constata-se a participação popular, políticos e autoridades.

Logo, é necessário enveredarmos para essas discussões sobre esse movimento popular, que pode ser compreendido como um lócus de aprendizado e de salvaguarda da memória local e que vem perdendo seu sentido original, dando lugar a outros signos que não permeiam pelo campo da memória.

É preciso, ressignificar esse movimento para que a memória viva da Independência da Bahia seja disseminada, evidenciando a luta de baianos e baianas, pensando no demarcador de cor, pois foram esses que estiveram à frente dessas batalhas e conseguiram atingir o objetivo que salvaguardar a memória do povo em relação a esse momento histórico tão importante para Bahia.

Ao falar em análise cognitiva remetemos a Teresinha Fróes Burnham (2005, p. 19) que entende como um campo interdisciplinar e multirreferencial voltado à construção, difusão e socialização do conhecimento.

O enfoque da análise cognitiva se articula a partir de três referências fundamentais: complexidade, multirreferencialidade e subjetividade, que funcionam como eixos epistemológicos para a abordagem e compreensão do currículo e das práticas educativas.

A análise cognitiva propõe-se a estudar o conhecimento segundo seus processos de construção, transdução e difusão, visando transformar as especificidades disciplinares em bases para o diálogo Inter e transdisciplinar.

Tomando esse pensamento como parâmetro, podemos inferir se é possível tecermos uma análise cognitiva sobre a festa do 2 de julho e se sim partindo de qual olhar e viés?

Considero que um caminho possível para a compreensão dessa manifestação é através da teoriação polilógica, perpassando pela transdisciplinaridade para conseguirmos fazer o que Burnham nos provoca quando fala em análise cognitiva.

Neste sentido, conseguiremos entender as multifacetadas dessa manifestação popular ainda presente e tão reverenciada em alguns municípios baianos, percebendo as interfaces desse movimento que dá uma dimensão da grande importância das lutas da Independência para nosso estado e país.

Dessa maneira, permearemos ao que Dante Galeffi (2017) refere-se ao falar do pensamento polilógico que esse não deve ser pensado como disciplinar. Pensando nas festividades do 2 de julho que é um momento de rememorar a Independência da Bahia, não podemos ter a compreensão desse evento como algo isolado, compartimentado. Devemos entendê-lo nessa perspectiva Galletiana, a partir de uma epistemologia que forje os instrumentos operadores da transformação, uma epistemologia do educar polilógica, transdisciplinar e anticolonial.

Anticolonial, quando se percebe a composição social e étnica que está presente nessa manifestação, propondo romper com uma política que está posta que é hegemônica, eurocêntrica e elitista. Fazendo um movimento contrário que podemos intitulá-lo como anticolonial.

MEMÓRIA, DIFUSÃO DO 2 DE JULHO NO TERRITÓRIO BAIANO

Rememorar as lutas da Independência da Bahia é uma forma de resguardar a memória local. Por isso, urge a necessidade de enveredar pela manifestação popular 2 de julho e ver o sentido das comemorações em alguns municípios do território baiano.

Como a pesquisa é bibliográfica com abordagem qualitativa, utilizou-se questionários semiestruturados para entendermos como essas festividades se dão em algumas localidades. Optou-se em utilizar nomes fictícios para garantir o anonimato da participante.

No questionário, responderam 15 pessoas, sendo que 73,3% do sexo feminino e 26,7 % do sexo masculino. Colocamos essa pergunta com a hipótese de que as mulheres participam mais da festa do 2 de julho do que homens, procurando compreender o motivo disso acontecer.

A idade das pessoas que responderam o questionário foi entre 19 a 58 anos. Sendo que as que mais participam são as de 19 anos, 36 anos e 51 anos. Com o percentual de 13,3%. Com essa pergunta queria saber se a memória viva está presente e a faixa etária da participação neste evento.

Sendo que esses sujeitos pertencem a diferentes municípios do território baiano, como Feira de Santana, São Francisco do Conde, Salvador, Santo Amaro, Saubara e Simões Filho, o que proporcionará um maior conhecimento sobre a manifestação do 2 de julho nesses municípios do território baiano.

A partir das respostas, observamos algumas falas importantes:

Maroka- “Em 2 de julho, Simões Filho celebra a Independência da Bahia com a passagem do Fogo Simbólico, que é um evento central da programação cívica do estado, e a realização de cerimônias locais para honrar a memória e a cultura baianas. A cidade é um ponto importante na rota do fogo simbólico, que segue para Salvador, e realiza eventos culturais como a exposição "Simões Filho: Terra de Resistência e Liberdade" para lembrar a participação do município na luta pela independência.”

Jô- “É uma comemoração linda, todos os anos comemoram com o desfile cívico. Manifestação popular, que resgata e lembra a importância de mantermos

uma nação unida e fortalecida pelos laços da liberdade, com igualdade e respeito para todos os cidadãos. As manifestações populares, ressaltam a nossa liberdade de expressão e escolha política e social, impotentes em um país democrático e livre.”

Mattos- “As comemorações da Independência da Bahia, celebradas em 2 de julho, marcam a vitória das forças brasileiras contra os portugueses em 1823. Aqui em Salvador, a data é lembrada com desfiles cívicos, cortejos históricos e apresentações culturais. Símbolos como o Caboclo e a Cabocla representam o povo na luta pela liberdade.”

Ramos- “Aqui em Salvador a data é anualmente comemorada pela população, com manifestações de vários setores da sociedade, desde políticos, a estudantes, religiosos, turistas....”

Tavares- “Faz parte dos valores do povo Baiano, já que a verdadeira independência ocorreu aqui.

Carvalho- “A festividade acontece no Centro da cidade, com desfiles, carros de som.”

Carlão- “É uma data já tradicional. Nos acostumamos a ver o desfile dos militares, das escolas públicas, mas da minha perspectiva o desfile cresceu quando foi incorporada a participação dos grupos de capoeira, grupos indígenas e movimentos sociais. Entendo que essa data é um marco da participação popular, sem a qual o Brasil não teria conseguido seu intento.”

Sousa- “Aqui não sai desfile de 2 de julho”.

Costa- “É com o fogo simbólico de Cachoeira e passa por Saubara e outros municípios até Salvador comemorado através de bandas locais fanfarras e filarmônica e outras bandas de fora do município e desfile de escolas algumas tradições dos caretas do mingau que sai as 03 horas da madrugada simbolizando as mulheres que saiam de brancos pra cuidar dos seus maridos no tempo da escravidão e queima de fogos 05 horas da manhã.”

Bridi- “É um dia de comemoração e patriotismo. As pessoas vão às ruas para relembrar as lutas do povo baiano pela Independência, além de aproveitar o momento para reivindicar e mostrar as lutas de classes.”

Silvana- “Em Salvador, a festa do 2 de julho é marcada por manifestações de todo o tipo: cívica, religiosa e política.”

Gomes- “E principalmente, é uma data em que os baianos demonstram o orgulho da nossa luta pela independência do Brasil.”

Bandeira- “Em Santo Amaro, o 2 de julho é a data magna da libertação do povo baiano e relembramos a data da proclamação da vila de Santo Amaro pela câmara de vereadores.”

Barroso- “Aqui a comemoração é pela manhã sai às bandas marciais e as escolas com o tema. A data cívica é comemorada com muita alegria e orgulho pela população, a maioria têm noção da sua importância.”

Santos- “Que eu saiba não existe programação nesta data.”

Nota-se que 80% dos pesquisados, responderam que o 2 de julho representa uma festa cívica e patriótica, política e populista, na qual resguarda a memória das lutas da Independência da Bahia. 13,3% a veem como festa cívica e patriótica e 0,7% entende como a memória das lutas pela emancipação da Bahia.

Todas as pessoas que responderam o questionário consideram importante que essas discussões estejam presentes na sala de aula e nos currículos escolares. Sendo fundamental inserir discussões como essas nos currículos escolares que ainda são enrijecidos e não abordam a história local. Diante disso, precisamos partir da história local para compreender melhor a história do país.

Tomando como base a pesquisa realizada, percebe-se que as comemorações do 2 de julho apresentam singularidades nos municípios supracitados, mas ao mesmo tempo, trazem características similares como o desfile cívico. Por exemplo, atualmente a região do Recôncavo Baiano vem ganhando destaque nessas festividades que antes se concentravam na capital baiana. Sendo as festividades iniciadas no mês de julho nesta região, tendo visibilidade da sua importância nesse momento histórico.

Outra informação que chama atenção são que as pessoas entendem essa data como um momento cívico, popular e de memória das lutas da Independência da Bahia, tendo grande participação popular. Porém, nota-se que essa manifestação vem sendo

usada para propagar o populismo, fruto de campanhas eleitorais, o que pode perder o sentido desse movimento popular de resguardar a memória local.

Dessa forma, escutar pessoas de várias localidades do território baiano sobre essa manifestação histórica é fundamental para percebermos as particularidades de cada município e traçar uma análise crítica, polilógica e transdisciplinar desse evento tão memorável para o estado baiano, tecendo questionamentos que poderão nortear outras pesquisas e olhares diferentes sobre essa temática tão revisitada pela historiografia.

CONCLUSÃO

Estabelecer uma análise cognitiva sobre a manifestação popular do 2 de julho não é uma tarefa fácil, mas necessário dentro do campo da difusão do conhecimento, visto que essa é vista apenas como um evento restrito ao desfile do 2 de julho com seus personagens que se destacaram na luta e muitas invisibilizando outros e outras que tiveram tanta importância quanto.

O evento que inicialmente seguiu padrões cívicos e patrióticos, hoje emana a tradição popular, com a mistura de crenças, musicalidade, protesto, política e memória das lutas da emancipação da Bahia que foi fundamental para consolidação da independência do Brasil.

Desse modo, escutar as pessoas que vivenciam ou vivenciaram tal manifestação em diferentes municípios, nos faz pensar essa manifestação, a partir do que Terezinha Fróes Burnham (2012) nos fala sobre a multirreferencialidade. É desse campo que vamos tecer uma análise desse evento tão importante para a memória local e do nosso país.

REFERÊNCIAS

BURNHAM, Teresinha F. **Análise Cognitiva: reconhecendo o antes irreconhecido**. Salvador: EDUFBA, 2005.

BURNHAM, Teresinha F. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento** / Teresinha Fróes Burnham e coletivo de autores. Salvador: EDUFBA, 2012.

GALEFFI, Dante Augusto. Considerações sobre a crise de paradigma na globalização contemporânea: a revolução da educação em curso. In: **Didática filosófica mínima:**

ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar / Dante Augusto Galeffi- Salvador: Quarteto, 2017.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O povo, a guerra, a liberdade: um programa político popular durante a Guerra de Independência da Bahia (1822-1823)**, Clio, Recife, V. 20, n.1, 2004.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. O povo, a guerra, a liberdade: um programa político popular durante a guerra de Independência na Bahia (1822-1823). **V.20, n.1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24875> acessado em 01/12/2022.**

SANTOS, V. C. B., & MOREIRA, A. de C. (2023). Vozes da independência: Experiências de mulheres negras na Independência da Bahia. **Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens**, 4(7), 330–348. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/abatira/article/view/17192>.